

## A VIAGEM: ESTUDO COMPARATIVO DE *MACUNAÍMA* E *A JANGADA DE PEDRA*.

Andreia Aparecida Silva Donadon Leal<sup>1</sup>

**Resumo:** Por não haver método, especificidade e nem forma ou fôrma precisos de questionar comparativamente literaturas e culturas, propomos neste ensaio um estudo que mostre pontos de convergência entre as experiências de viagem presentes na tematização das obras *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *A jangada de pedra*, de José Saramago. Para analisar esses pontos de convergência, conduzimos nossa reflexão pelos caminhos do discurso, analisando a perspectiva política emanada dessas distintas viagens em busca de identidade. Os discursos políticos foram caracterizados por fazeres deônticos, aqueles que organizam os lugares e as regras das performances discursivas. *Macunaíma* e *A jangada de* tematizam o deslocamento, e neste, procuram por um lugar que se organize social e politicamente – uma nação.

**Palavras-chave:** Literatura comparada, discurso, polifonia

Não há uma fórmula ou método específico para a Literatura Comparada, segundo Álvaro Manuel Machado, pois ela também “proporciona diálogo não só entre literaturas, mas culturas e métodos de abordagens” (...). (MACHADO, 1988, p.17) Dessa forma, se não há método, especificidade e nem forma ou fôrma de questionar comparativamente literaturas e culturas, propomos um estudo que mostre pontos de convergência entre as experiências de viagem presentes na tematização das obras *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *A jangada de pedra*, de José Saramago. Para analisar esses pontos de convergência, conduzimos nossa reflexão pelos caminhos dos discursos políticos emanados dessa viagem em busca de identidade.

Acerca das experiências de viagem, explica Álvaro Manuel Machado:

A viagem, na sua especificidade, torna-se uma espécie de *tema literário*, no qual é importante ver até que ponto ela pode estruturar um texto ou o imaginário de um escritor [...] (MACHADO, 1988: 33)

Ou ainda:

(...) a narrativa de viagem é sempre um acto, eminentemente optimista que afirma a possibilidade de transformar o desconhecido em conhecido e de confirmar que o homem – neste caso, o viajante –, em toda a sua

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Viçosa. UFV – Viçosa – MG – Brasil. [deialeal@jornaldrava.com.br](mailto:deialeal@jornaldrava.com.br)

dimensão humana, é o melhor meio de conhecer e de interpretar o universo. Assim, a viagem, a literatura de viagem tem como barreiras cronológicas as grandes descobertas (...). (MACHADO, 1988: 37)

A “viagem” situa-se na tensão dialética entre o *imóvel* e o *móvel*, tornando-se o tema literário que estrutura as duas obras em análise e é ela também que norteia toda a narratividade. O *imóvel* constitui o continente sobre o qual se movimentará a narrativa, *móvel*. Em ambos os casos, o deslocamento narratológico desloca consigo os elementos imóveis. O continente viaja com a trama – *Macunaíma* carrega consigo suas marcas em suas transmutações e a península Ibérica desloca-se do continente europeu em *A jangada de pedra*.

Além desse aspecto da viagem como deslocamento, em *Macunaíma* e em *A jangada de pedra*, há o aspecto polifônico constitutivo dos discursos desse conceito derivado, que possibilita a visualização de novas tensões dialéticas entre nortear/desnortear; perder/encontrar; buscar/desistir; existir/inexistir... A ordem dessas tensões pouco importa – nortear o rumo como carta de viagem ou nortear-se depois de perdido na viagem; nortear por estar desnortado ou desnortear algo em prumo para confundir elementos adversos. Perder o amuleto para depois encontrá-lo, ou tê-lo para perdê-lo.

Há na viagem uma espécie de busca pela identidade, um *Eu* que se busca em si mesmo. Ou ainda, no caos e no caos, lembrando *A jangada de pedra*, em busca de *mim* mesmo, em busca do *outro-eu-mesmo*, em busca de *minha* origem, lembrando *Macunaíma*, em busca de *meu* “talismã” existencial ou de *minha* identidade multifacetária e transcultural. A viagem tematizada nos dois textos em análise pode ser vista como viagem política. O discurso político, conforme categorizado por Greimas (1981) é o discurso persuasivo de poder-fazer-querer, isto é, o discurso de criação da vontade; do fazer-querer. Esse discurso, o político, pode ser justificado pelo fazer deôntico, que segundo Greimas, (1981: 25), faz com que o sujeito da enunciação organize o lugar de suas próprias performances, projete obstáculos e vença provas e o lugar de suas próprias regras discursivas.

Macunaíma, esse sujeito sem caráter, ou sem característica definida por um universo político exterior, a sociedade politicamente organizada, por exemplo, dita suas próprias regras de conduta, suas próprias formas de constituir-se e de construir sua nação ideal. É esse fazer deôntico que verificamos em:

Como vedes, assaz hemos aproveitado esta demora na ilustre terra bandeirante, e si não descuidamos do nosso talismã, por certo que não poupamos nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciemos, quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de melhoramentos, que, muito nos facilitarão a existência, e mais espalhem nossa propásia de nação culta entre as mais cultas do Universo. E por isso agora vos diremos algo sobre esta nobre cidade, pois que pretendemos construir uma igual nos vossos domínios e Império nosso. (ANDRADE, 2007: 103)

O fazer deôntico, na voz de *Macunaíma*, é percebido no seu discurso político de “aproveitar a demora”, “desejo de aprender as coisas mais principais desta civilização latina”, para “iniciar uma série de melhoramentos” em sua terra natal, a fim de torná-la “nação culta”. Esse fazer deôntico, esse lugar performático de produção de vontades com suas próprias regras, caracteriza o discurso político de *Macunaíma*. Da mesma forma, em *A jangada de pedra*, a viagem como fazer deôntico se dá na construção dos destinos incertos da península à deriva:

Passaram alguns meses desde que a península se separou da Europa, viajamos milhares de quilômetros por este mar violentamente aberto, por pouco não esbarrava o leviatão contra as espavoridas ilhas dos Açores, ou não tinha de esbarrar, como depois se viu, mas não o sabiam os homens e as mulheres que de um lado e do outro foram obrigados a fugir, aconteceram estas e tantas mais coisas, esperar o sol à mão esquerda e vê-lo aparecer à direita, e a lua, aque não bastava a inconstância em que anda desde que se desligou da terra, e também os ventos que de toda parte sopram, e as nuvens que correm de todos os horizontes e giram sobre as nossas cabeças deslumbradas, sim, deslumbradas, porque há por cima de nós um lume vivo, assim como se o homem, afinal, não tivesse de sair com históricos vagares da animalidade e pudesse ser posto outra vez, inteiro e lúcido, num mundo novamente formado, limpo e de beleza intacta. Tendo tudo isso acontecido, dizendo o tal português poeta que a península é uma criança que viajando se formou e agora se revolve no mar para nascer, como se estivesse no interior de um útero aquático, que motivos haveria para espantar-nos de que os humanos úteros das mulheres ocupassem, acaso as fecundou a grande pedra que desce para o sul, sabemos nós lá se são realmente filhas dos homens estas novas crianças, ou se é seu pai o gigantesco talha-mar que vai empurrando as ondas à frente, penetrando-as, águas murmurantes, o sopro e o suspiro dos ventos. (SARAMAGO, 2006: 280-281)

Em *A jangada de pedra* o fazer deôntico se dá na proposição discursiva de “ter que viajar” por mar aberto “sem esbarrar” em algo que lembre Portugal, as ilhas dos Açores e, sem que “soubessem” os homens e mulheres, foram “obrigados a fugir”, quem sabe até “encontrarem” um lugar “limpo de beleza intacta”. Por outro lado, é igualmente deôntico o fazer impreciso da paternidade das crianças, numa espécie de criação da vontade de que os filhos não sejam dos homens, mas da nação. Assim, o discurso político se caracteriza pelo fazer deôntico na sucessão de desejos e obrigações dos sujeitos da viagem da península em busca de lugar, de identidade.

Do conceito político de viagem e seus derivativos nasce a narrativa de *Macunaíma*; o herói casa-se com *Ci, Mãe do Mato*, que lhe entrega a Muiraquitã (pedra), símbolo da tradição brasileira. Macunaíma perde esse amuleto e viaja com seus irmãos, para a cidade de São Paulo, com intuito de recuperar o que perdeu:

Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-virgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos para São Paulo. Foi o Araguaia que facilitou-lhes a viagem. [...] (ANDRADE, 2007: 49)

Em São Paulo, o herói entra em contato com a civilização e perde sua identidade cultural, para deparar-se com outra civilização, assimilando-a, digerindo-a as suas “enzimas culturais”. Acerca da cultura em *Macunaíma*, vale resgatar o que escreve Tânia Franco Carvalhal:

[...] em Macunaíma irá registrar a “diferença” ao criar um “herói sem nenhum caráter”. Como ser dilacerado entre duas culturas, Mário de Andrade soluciona o conflito pela descaracterização do herói, abdicando de fórmulas prontas para definir “o brasileiro”. Macunaíma, afinal, sendo muitos e não sendo, é. (CARVALHAL, 2010: 83)

Macunaíma vai se metamorfoseando durante a viagem, transformando-se em príncipe, índio negro, vira branco; inseto, peixe e pato. Nesse sentido, há também o deslocamento metaforizado do personagem viajante, que “sai” de sua origem de índio negro, para caminhar numa viagem interna e metaforizada, “vestindo-se” de diversificadas identidades culturais.

A narrativa, em *A jangada de pedra*, começa com sequências de fatos insólitos e estranhos, aparentemente sem sentido, que envolvem cinco personagens. Os fatos mágicos fazem com que estas pessoas (Joana Carda, Joaquim Sassa, Pedro Orce, José Anaiço e Maria Guavaira) procurem-se, e encontram-se, para viajar juntas com o direcionamento da Península Ibérica. O que propicia a junção de vontades aleatórias e a força do fazer deôntico, capaz de propor uma vontade política de viajar, direcionando algo sem direção. A identidade da península está nas línguas idênticas achadas além-mar, nas Américas, direção a que a península se lança Atlântico adentro. Nesse romance, Saramago apresenta a ruptura e a “trinca” da Península Ibérica (Portugal e Espanha) do continente europeu, e sua viagem à deriva pelo oceano Atlântico, ora sem rumo, ora rumo aos Estados Unidos, Canadá, ora rumo ao Sul. A Península Ibérica viaja como uma imensa jangada de pedra por outros mares, pois “navegar é preciso”, como diz o verso-bússola de Fernando Pessoa, para encontrar o “eu” perdido, ou seja, sua identidade, afinidade histórica cultural linguística e ideológica:

[...] Numa jangada de pedra já nós vamos, É grande de mais para que nos sintamos marinheiros, respondeu Maria Guavaira, e Joaquim Sassa, observou, a sorrir, Bem dito, também não nos tornou astronautas viajarmos pelo espaço em cima do mundo [...] (SARAMAGO, 2006: 275)

“No dia seguinte recomeçaram a viagem [...] De um momento para o outro, quase por milagre, voltou a harmonia à expedição. Ontem, depois da última deliberação, traçaram um itinerário, nada muito rigoroso, só para não avançarem às cegas, primeiro descer a Tarragona, ir pela costa até Valência, meter para o interior por Albacete, até Córdoba, baixar a Sevilha, e finalmente, a menos de oitenta quilômetros, Zufre [...]” (SARAMAGO, 2006: 276)

É também sobre a identidade coletiva, na obra *A jangada de pedra* que diz Odete Jubilado:

[...] também em *Jangada...* assistimos a uma viagem (de Portugal e do seu povo) em busca da identidade nacional e cultural, explicitada através da efabulação de uma deslocação geográfica, dado que, ao desprender a Península da Europa, o romance acaba por propor uma nova topografia para um Portugal marinheiro. Parte-se à aventura, navegando pelo Atlântico, à procura de uma identidade diferente para Portugal, que não aquela confinada aos limites físicos da Europa. [...] (JUBILADO, 2011: 67)

Ao definirmos e delimitarmos nosso *corpus* de comparação, ou seja, o diálogo entre as experiências de viagem presentes nas obras de Saramago e de Mário de Andrade, elegemos a discursivização política (discurso da criação da vontade de fazer, através da criação das próprias regras pelo fazer deôntico) e não a relação textual, como foco da abordagem comparatista. Em *Macunaíma*, obra de anseio estético e político, em que a nação se via descaracterizada, entre a civilização e a natureza, o herói sai da mata, espaço considerado harmônico, onde inexistem desentendimentos políticos, para fazer uma viagem rumo à civilização representada como potência do conflito, da disputa e do caos:

São os paulistas gente ardida e avalentoadada, e muito afeita às agruras da guerra. Vivem em combates singulares e colectivos, todos armados da cabeça aos pés; assim assaz numerosos são os distúrbios por cá, em que, não raro, tombam na arena da luta, centenas de milhares de heróis, chamados bandeiras. (ANDRADE, 2007: 105.)

Em *A Jangada de Pedra*, obra também de anseio político, há a expectativa por um lugar melhor, em que homens, mulheres e natureza convivam em harmonia, tratar-se-á da questão da “marginalidade” da península, tanto geográfica, como politicamente, uma vez que os demais países a viam como “incompreensíveis povos ocidentais” (SARAMAGO, 2006: 139).

As duas narrativas evidenciam e elegem a viagem literal e metafórica por múltiplos espaços, lugares, percursos; saída do cotidiano, descoberta e redescoberta de novos mundos, novas histórias, outras experiências, outros traços ou marcas culturais, presentes no deslocamento geográfico, na obra de Saramago, através da viagem da Península Ibérica pelo oceano atlântico e retorno; e na obra de Mário de Andrade, através da viagem para São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, Mendoza (Argentina), e retorno ao Uraricoera, terra natal.

Em *A Jangada de Pedra*, reencontramos a presença da viagem que parte em busca de uma identidade perdida, o reencontro com as fontes iniciais ou reaproximação com a cultura, que os portugueses e espanhóis exploraram, numa navegação de desejo, de rebeldia, de subversão, de contato com os povos colonizados e com as suas culturas. Em *Macunaíma*, todos os acontecimentos ocorridos desde o nascimento do “herói”, seu

casamento e a perda do amuleto, sua ida para São Paulo e retorno à terra natal, compõem a narrativa de viagem. O desejo de traçar ou eleger a *viagem*, para descobrir, explorar, buscar, experimentar, ir e retornar, com intuito de traçar as múltiplas identidades na história cultural, está presente e pulsante, tanto em *Macunaíma*, como em *A jangada de pedra*.

A viagem política vislumbrada nesta leitura de duas obras referenciais vai além da ação de conhecer novos mundos ou os mesmos mundos. A viagem proposta é política. Portanto, de descoberta e de construção de vontades, recortada por fazeres deônticos, em que os sujeitos das narrativas sentem-se autorizados a fazer e a buscar um lugar, a fugir desse lugar, a encontrar um lugar, no qual (ou nos quais) poderão encontrar suas identidades. Esses sujeitos permitem seguir, prosseguir, voltar, retornar ou retroceder no tempo, através da memória; permitem navegar por terra, por mar, por ar ou por “dentro e fora” de si mesmos, por lugares visitados ou nunca visitados. É o fim e o começo de uma ou outras viagens... É a busca de uma identidade cultural e, simultaneamente, de identidades culturais.

Tudo isso nos leva a crer que as viagens aqui descritas são viagens performáticas em busca de um lugar organizado politicamente, uma nação, seja a “nação culta entre as mais cultas do Universo” de *Macunaíma*, seja o “mundo novamente formado, limpo e de beleza intacta” de *A jangada de pedra*.

## **THE TRIP - A COMPARATIVE STUDY OF MACUNAÍMA AND THE STONE RAFT**

**Abstract:** *Because there is no method, no shape or specificity and accurately compared to question literatures and cultures, we propose in this paper a study that shows points of convergence between travel experiences present in the thematization of the works Macunaíma, Mário de Andrade, and The Raft stone, José Saramago. To examine these points of convergence, we conducted our analysis in the ways of speech, analyzing the political perspective emanating from these different journeys in search of identity. The speeches were characterized by political doings deontic, those who organize the places and the rules of discursive performances. The raft of Macunaíma and thematize the displacement, and this, look for a place to organize socially and politically - a nation.*

### **Referências**

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2010.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.

JUBILADO, Odete. A Viagem em José Saramago: geografia, história e identidade. In:

ROANI, Gerson Luiz. **O Romance Português Contemporâneo: história, memória e identidade**. Viçosa: Arka, UFV, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011: 47-71.

MACHADO, Álvaro Manuel. PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988: 17- 51.

SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.